

A ESCRITA DA HISTÓRIA NO BRASIL: AS MULHERES E OS ESTUDOS CLÁSSICOS E ORIENTAIS*

Érica Cristhyane Morais da Silva **

Resumo: *Nas últimas décadas, os estudos clássicos e orientais no Brasil tiveram um avanço extraordinário – tanto no aumento de publicações de livros, artigos, teses e dissertações quanto na realização de eventos acadêmicos – e, sobretudo, significativa ampliação na formação especializada de recursos humanos na subárea de História Antiga. A produção historiográfica brasileira sobre o mundo antigo se apresenta ampla e diversa, a despeito das exigências que já se impõem à formação de recursos humanos especializados no Brasil, em particular nessa subárea, a exemplo da imprescindível formação em idiomas estrangeiros, nem sempre de fácil acesso em território nacional. Os estudos clássicos e orientais desenvolvidos no Brasil exibem características particulares, seja de perspectiva e abordagens, seja de escolhas de objetos de pesquisa. Diante desse cenário, nos parece pertinente considerar a ampliação da contribuição feminina para a escrita da História do mundo antigo pela perspectiva brasileira.*

Palavras-chave: *História; mulheres; historiografia; mundo antigo.*

THE WRITING OF HISTORY IN BRAZIL WOMEN, ORIENTAL AND CLASSIC STUDIES

Abstract: *In the last decades, classical and oriental studies in Brazil have had an extraordinary advance both in the increase of publications of books, articles, thesis, and dissertations and in the realization of academic events and, above all, a significant expansion of the specialized training of human resources in the Ancient History subarea. The Brazilian historiographical writing on the ancient world is broad and diverse despite the demands that*

* Recebido em: 23/03/2021 e aceito em: 28/05/2021.

** Professora de História Antiga do Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Programa de Pós-graduação em História da Ufes. Pesquisadora do Laboratório de Estudo sobre o Império Romano, Seção Espírito Santo (Leir-ES) e do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.Leir-Franca/SP). E-mail para contato: ecmsilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0099-5848>.

are already imposed on the training of specialized human resources in Brazil and the subarea of Ancient History, for example, the indispensable knowledge of foreign languages not always easily accessible in national territory. Classical and oriental studies developed in Brazil have characteristics, whether in perspective and approaches, or in the choice of research subjects. Given this scenario, it seems pertinent to consider the expansion of female contribution to the writing of the history of the ancient world from the Brazilian perspective.

Keywords: History; women; historiography; Antiquity.

Introdução: o extraordinário avanço da História Antiga no Brasil

A crescente demanda por especialização em História Antiga, no Brasil, muito se deve aos trabalhos contínuos de base junto aos alunos de Graduação e, com a ampliação dos especialistas, observa-se uma produção historiográfica ampla e diversa.¹ Proliferaram os Grupos de Pesquisa em temas sobre o mundo antigo.² A História Antiga, ensinada e produzida no Brasil, nunca esteve antes tão em pauta e presente, seja em debates, seja em publicações, seja nas grades curriculares. Mesmo em época de pandemia e restrições causadas pelo Covid-19, os especialistas se reinventaram e, mediante trabalho remoto, ocuparam a *world wide web*, produzindo conteúdos via podcasts, blogs, fios, *lives*, webconferências, webinars, *zoom meetings*, *google meetings*, e assim viabilizando o ensino, as pesquisas e os debates sobre os conteúdos de História Antiga, apesar dos problemas estruturais relativos ao acesso à internet e à tecnologia.

O lugar da História Antiga se impõe com força tão significativa que quando do debate sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a ausência dos conteúdos sobre as sociedades antigas se fez sentir entre os antiquistas, que, por meio de uma ação política coordenada, demonstraram tanto a importância dessa subárea do saber quanto a relevância do ensino desses conteúdos imprescindíveis para a “produção de conhecimento crítico, não servil, sobre os usos do passado”, como argumenta Pedro Paulo Funari (2016, p. 2).³ Com tantos avanços na produção do conhecimento e ensino da História Antiga no Brasil e com um espaço propício e fértil para o desenvolvimento de várias reflexões sobre a produção nacional,⁴ estamos propondo realizar mais algumas considerações e, talvez, contribuir para mais uma frente de pesquisa e ensino referentes aos conteúdos da denomi-

nada História Antiga, a saber: refletir sobre a escrita da História do mundo antigo pela perspectiva brasileira, e a partir da expansão das contribuições femininas para essa produção historiográfica. Não se trata aqui, como disse Margareth Rago (1995, p. 81) há pouco mais de duas décadas, de pensar a produção historiográfica sobre o mundo antigo pela perspectiva feminina em termos de “um questionamento das relações de poder entre os sexos na academia”, mas de apresentar, *en passant*, o impacto do interesse feminino pelos estudos clássicos no Brasil e a consequência disso para a constituição do ensino e pesquisa em História Antiga no território nacional. Para isso, buscarei refletir sobre dois importantes temas: primeiro, sobre o conceito de História e a escrita da História no mundo antigo; depois, de forma parcial, sobre as características da História Antiga, da escrita da História e do ensino produzido no Brasil de 2020. Peço a compreensão de vocês, leitores, para que expectativas não sejam frustradas, já que a reflexão nas páginas subsequentes deste artigo é algo breve, tratando-se de impressões, incursões iniciais de um tema que me foi instigado especificamente por razão do XXX Ciclo de Debates em História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ocorrido entre os dias 8 a 9 de dezembro de 2020 e que merecerá, posteriormente, observações mais aprofundadas. Então, comecemos com a primeira seção dessa breve reflexão: o impacto, no campo da História, da presença cada vez mais consolidada de mulheres na pesquisa e no ensino de História Antiga e como isso é perceptível na própria concepção de escrita da História no mundo antigo.

O conceito de História e a escrita da História no mundo antigo

A nossa escrita da História não é recente,⁵ mas a sua institucionalização, em um passado não muito distante, ocorreu junto com o desenvolvimento da própria universidade (CARVALHO; FUNARI, 2007; SILVA, 2011).⁶ E a regulamentação da profissão de historiador foi reconhecida, por lei, apenas no ano passado, em 17 de agosto de 2020, mediante a publicação, no *Diário Oficial da União*, da Lei nº 14.038. No texto dessa lei se definem aqueles a quem podemos alçar à categoria de *historiadores*: os “portadores de diplomas de curso superior em História”, os “portadores de diplomas de Mestrado e Doutorado em História”, e os “profissionais diplomados em outras áreas que tenham exercido, comprovadamente, há mais de 5 anos, a

profissão de historiador a contar da data da promulgação desta lei”. Além dessa definição, o texto ainda apresenta as atribuições dos historiadores que, grosso modo, estão circunscritas nos âmbitos do ensino e pesquisa. Desse modo, ser considerado historiador ou historiadora e ter a escrita reconhecida como produção histórica requer, sob essa definição, portanto, formação institucionalizada e validada mediante a certificação mínima obtida em curso de nível superior reconhecido por instituições nacionais. Todavia, essa acepção de historiadores e a delimitação de suas atribuições são definições modernas.

Na Antiguidade, havia outros parâmetros, seja para quem poderia ser reconhecido como historiador, seja para definir a forma e o conteúdo para a escrita da história. Heródoto de Halicarnasso é considerado o “Pai da História” (cf. *De Legibus*, 1, 5, em que Cícero declara que Heródoto é o “Pai da História”), o fundador, “o ponto de partida para o desenvolvimento da historiografia ocidental” (BESSELAAR, 1962, p. 3-26). Heródoto (*Historiae*, I, 1), logo na abertura de sua obra *Histórias*, nos faz recordar que é preciso preservar, mediante a História, as ações humanas condenadas a se apagarem pelo tempo. O conceito de História, em Heródoto, presente nessas primeiras linhas da obra, é particularmente significativo.

Ali, a recuperação de eventos remotos ocorre mediante depoimentos de outrem num todo, o que implica a arbitragem das várias versões numa relação conflituosa entre aqueles que as testemunham, mas há também conflitos entre as testemunhas e o próprio árbitro, aquele que conta a história (BAKKER, 2002, p. 18 e 19). O historiador grego expressa ainda preocupação com o destino de sua obra, exigindo de sua futura audiência o que ele próprio propôs fazer: ouvir criticamente, questionar, julgar, e ainda registrar (BAKKER, 2002, p. 32). Tucídides, grosso modo, é considerado como aquele que promoverá uma longa tradição que valida o gênero historiográfico como a escrita de um tema essencial: o dos grandes feitos militares e políticos (SILVA, 2011, p. 1-2; MOMIGLIANO, 2004, p. 53-83). Mas a historiografia antiga não se restringe a essa *tradição herodoteana e tucídideana*, para usar uma expressão de Arnaldo Momigliano (2004, p. 53).

É possível termos amplo conhecimento sobre a concepção de História em Xenofonte, Políbio, Salústio, Tito Lívio, Tácito, Suetônio, Pausânias, Eusébio de Cesareia, Amiano Marcelino, João Malalas,⁷ para citar apenas alguns nomes de uma lista infundável de historiadores clássicos.⁸ Todavia, uma questão permanece constante, de tal modo que, dada essa listagem sig-

nificativa de representantes da historiografia antiga, podemos observar que a escrita da história ficou concebida e, frequentemente, reafirmada como uma prática de atuação com predominância masculina.⁹ Esse é um *lugar de memória* que já não habitamos mais e que não podemos reafirmar inadvertidamente.¹⁰ Há evidências de mulheres que exerceram o ofício de historiadora na Antiguidade. Nós não as conhecemos amplamente porque, como argumenta Ian Plant (2005b, p. 15-19),¹¹ no mundo greco-romano havia preconceito contra mulheres escreverem história, apesar de reconhecidas como autoras em vários outros campos de conhecimento, como “filosofia, itinerários de viagem, teoria musical, gramática, criticismo literário, astronomia, magia, medicina, alquimia, matemática, drama, profecias e manuais sexuais”. As mulheres estariam, segundo Plant (2005a), muito mais associadas aos conhecimentos considerados do âmbito do “mistério” e do “exotérico”, mas isso não significa que elas não escreveram também *histórias*. Algumas evidências trazem à luz essa possibilidade. E quem nos informa sobre essas evidências é, novamente, Plant. Assim, vejamos.

Em *Vida de Tucídides*, Marcelino, autor antigo que escreve entre os séculos V e VI d.C. (MAITLAND, 1996, p. 539), ecoa uma tradição que reconhece que o Livro VIII da *História da Guerra do Peloponeso* não teria sido escrito por Tucídides, mas pela filha dele (PLANT, 2017; 2005a; MARCELLINUS, *De Thucidide Vita*, 43). Conforme esse autor (2005a), embora isso não seja confirmado ou reconhecido, é plausível inferir que, à época de Marcelino, havia uma percepção de que mulheres não apenas seriam capazes de escrever em prosa, como também histórias. Uma segunda evidência aponta para a grega Nicobula (PLANT, 2004, p. 65), que teria vivido no período helenístico entre os séculos III e I a.C., e a quem Ateneu de Náucratis recorre como fonte de informações sobre a história de Alexandre, o Grande, e Plínio, o Velho, para “descrever o baú de perfumes de Dario que teria sido capturado por Alexandre” e para fundamentar a história “da primeira fragrância da Arábia discernida por Alexandre” (PLANT, 2005a e n. 18; *HN* 13,3; 12, 86).

Uma terceira evidência refere-se a Héstia de Alexandria – que poderia recair sob a categoria de comentários históricos, uma forma de escrita da história –, que teria escrito fragmentos na *Íliada* de Homero, no curso do século III ou II a.C., e cuja prova dessa autoria é mencionada por Estrabão (*Geographia*, 13. 1. 36, C599; PLANT, 2005a). Pânfila, que viveu no Egito durante o reinado de Nero, também teria escritos na categoria de história,

mas dos quais só teriam sobrevivido 11 fragmentos de uma obra substancial de 33 livros e uma outra, intitulada *Comentários históricos*, em oito volumes. Pelas evidências, é possível inferir que ela tenha se especializado na escrita de *Építores* (PLANT, 2004, p. 127-129; 2005a).

Contemporânea de Pânfila, Agripina, filha de Germânico e Agripina, a Velha, teria escrito *Commentarii*, de acordo com Plínio, o Velho, e Tácito (PLANT, 2005a; *HN*, 7. 46; *Annales*, 4. 53. 2). A quantidade substancial de evidências para a Antiguidade nos demonstra, portanto, que escrever história também era prática das mulheres, muito embora isso não tenha sido reconhecido ou suas obras, sobrevivido de forma mais ampla. Mais uma vez, Ian Plant (2005a) argumenta sobre o motivo de a história ter sido um dos campos ignorados em relação à ação feminina na Antiguidade: para os antigos clássicos, as mulheres deveriam manter suas vozes no âmbito do privado, e os temas da área de história diziam respeito ao campo político-militar, de domínio exclusivamente masculino. E, também, a escrita da história estava fundamentada na concepção de que o historiador deveria entender a guerra pessoalmente, mediante, inclusive, a experiência de passar um tempo em campo, no caso militar, de estar dentro dos fortes e quartéis-generais, ou mesmo, como Heródoto, escrever com informações coletadas em viagens.

Na Antiguidade, a imagem da mulher ideal era, grosso modo, o da vida privada, como se depreende de escritos como os de Pausânias e Plutarco, por exemplo. O excerto de Plutarco (*Moralia*, 142C) é bem explícito quanto à proibição de a mulher se pronunciar publicamente: o ideal era permanecer em casa, em silêncio ou, se precisasse, que o fizesse mediante a voz do marido (PLANT, 2005a, cf. PLUTARCO. *Moralia*, 142C-D; PAUSANIAS. VI, 25, 1).

A primeira mulher, reconhecidamente, historiadora será a bizantina Ana Comnena, no século XII, também conhecida como Ana de Bizâncio, que, em *Alexiada*, declara: "...embora uma historiadora, sou uma mulher e a mais honrada das *Porfirogeniti* e a herdeira mais velha de Aleixo" (*Alexias*, XV, 9). Conforme Leonora Neville (2018, p. 174), a *Alexiada*, de Ana Comnena,

... é uma das obras-primas da historiografia bizantina. É uma longa e detalhada história do reinado do imperador Aleixo Comneno (1081-1118), escrito por sua filha no meio do décimo segundo sé-

culo. A Alexiada foi escrita em grego ático clássico. A história de Anna cria um retrato brilhante de Aleixo como um grande herói, aventando que ele deve ser considerado o maior imperador romano de todos os tempos.

A *Alexiada*, de Ana Comnena, se, por um lado, pode ser “fonte de informação sobre a percepção da classe dominante bizantina sobre a guerra e a paz no período após a Primeira Cruzada”, por outro, é importante “fonte histórica para o período de Aleixo I Comneno (1081-1118)” (STOURAITIS, 2012, p. 69). Em duas passagens significativas, observamos Ana Comnena evidenciando aspectos de sua escrita da história. No Livro XV, 7, a historiadora bizantina destaca:

VII. Qualquer pessoa que ouvir a palavra ‘linha de batalha’ e ‘falange’ ou ‘cativos’ e ‘Saque’ ou novamente ‘general’ e ‘capitães’, vai pensar que está ouvindo sobre as coisas que todo historiador e poeta menciona em seus escritos. Mas esta formação de batalha é nova e parecia muito estranha para todos e era como se nunca houvesse sido vista antes ou eternizada à posteridade por qualquer historiador.

E, assim, ela apresenta uma escrita da história retomando o espaço do debate tradicional sobre “guerras”, e inovando no estilo, conteúdo e forma. Em um outro excerto, defendendo-se de críticos, Ana Comnena (*Alexias*, XV, 3) declara:

Mas aqui novamente me vejo sendo censurada por me gabar; pois em minha defesa eu já disse várias vezes que não é o amor por meu pai que sugere essas observações, mas a natureza das circunstâncias. Pois faz qualquer coisa do lado da própria verdade impedir que uma pessoa goste de seu pai e da verdade também? Pois eu escolhi escrever uma história verdadeira e de um bom homem; mas se esse homem for o pai do historiador, deixe o nome do pai ser adicionado a ele como um mero apêndice; mas a história deve ser dedicada à verdade natural.

Este, um outro conceito caro aos historiadores antigos: a noção de “verdade”. De fato, segundo Larisa Vilimonovic (2019, p. 25), a *techné historiké*, conforme a concepção histórica de Tucídides, é sobre a *verdade (aletheia)* como

objetivo final da escrita da história, que, segundo o historiador antigo, se refere também à evidência (*tekmerion*) que fundamentaria as afirmações escritas. Por fim, de acordo com Tucídides, a escrita da história também diz respeito à sua difusão entre uma audiência que precisa ter, com aquele que produz a narrativa histórica, laços de *confiança* (*pisteuon*), com o fim de a narrativa e interpretação realizadas terem credibilidade e relatarem a *verdade* (*aletheia*) dos fatos. E, assim, Tucídides demarca, considerando também a herança herodoteana à tradição historiográfica antiga, assim como a fundação da legitimidade do historiador e da escrita da história de seu tempo e para a posteridade.

A História Antiga, a escrita da História e o ensino no Brasil de 2020

Tudo isso nos faz indagar sobre a identidade do historiador e a escrita da História no Brasil, para compreendermos, mesmo que em termos gerais, o que escrevemos, o que ensinamos e definirmos quem são os sujeitos dessa produção. Em particular, aqui, minha atenção reside nas características do movimento que, de algum modo, estimulou o interesse feminino pela escrita da História e, especificamente, pela História Antiga. Em 1996, Francisco J. C. Falcon, preocupado com a questão da identidade do historiador, alertava para uma *crise do ofício do historiador* que estava atrelada, intrinsecamente, à propalada *crise da História* (cf. CHARTIER, 1991, p. 173). Falcon (1996, p. 8) chamava a atenção para a recepção dessa crise e os impactos nas “formas propriamente *brasileiras*” de produção historiográfica caracterizada pela sua ambiguidade entre a tradição e a inovação, desde 1960. A primeira, grosso modo, fundamentada em *empirismos positivistas*, e a segunda motivada pela introdução, de vertente francesa, das influências da Escola dos *Annales* e da perspectiva teórica marxista. Essas duas vertentes definiriam, como destaca Falcon, por, pelo menos até 1980, “duas identidades de historiadores: o tipo tradicional e o moderno inovador”. Entre elas, houve tensões e conflitos, mas ainda se observa uma permanência da escrita e do ensino da História em termos tradicionais. No curso da transição e dos anos entre as décadas de 1980 e 1990, o cenário já apresentava uma paisagem mais distinta da produção historiográfica no Brasil. Margareth Rago (1995, p. 81) enfatiza, em especial, a participação das mulheres na historiografia brasileira:

... pressões e demandas do movimento feminista, desde os anos 70, assim como a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida acadêmica forçaram uma quebra do silêncio das historiadoras.

Rago, prosseguindo, fala aqui, em termos gerais, sobre a escrita da História e não especificamente em relação à subárea da História Antiga. Para ela (1995, p. 81) a inclusão das mulheres no campo da historiografia

...tem se revelado não apenas [em] momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas.

Assim, esse alargamento temático, seja pela incursão das mulheres no campo historiográfico, seja pela produção realizada pelas historiadoras, também será observado na escrita da História Antiga, no bojo do contexto efervescente de debates que, a partir das marcas da história social e cultural, reforçam a tendência historiográfica de escrita da História em termos muito mais plurais nos seus sujeitos históricos. Logo, se observa a transição de uma “historiografia menos comprometida com valores identitários e nacionais” para uma outra comprometida com a superação de uma visão elitista, aristocrática, masculina e que propõe “visões multifacetadas, atentas ao conflito”, perspectivas não normativas (SILVA, 2011, p. 5; FUNARI; SILVA; MARTINS, 2009, p. 9). E aqui quero fazer um parêntese: é por toda essa, eu diria, “revolução” de paradigmas, que vemos trabalhos, hoje, como o das professoras que apresentaram as conferências antes de mim. Prof.^a Graça de Moraes, com importante contribuição ao traçar a sua trajetória e estabelecer relações entre a filosofia antiga e a História Antiga mediante a reflexão entre a Antiguidade e a obra de Câmara Cascudo; Prof.^a Renata Garraffoni, com os estudos de recepção, incluindo a materialidade de nossas cidades na esteira da herança greco-romana; Prof.^a Ana Maria, que nos fez conhecer acerca de seu trabalho de tradução regionalista de peças teatrais gregas; Prof.^a Cecília Ames, com a reflexão sobre o campesinato italiano e a visão do outro na obra de Virgílio; e, ainda, a Prof.^a Maria Cecília, que encerrou o evento com um tema, sem dúvida, mais

que oportuno: a Musa Mnemósine, soberana nos meandros da memória. Trabalhos esses preciosos – e que, simultaneamente, impactam e são representativos da produção historiográfica no Brasil.

É diante desse contexto de afirmação de paradigmas que reconhecem os diferentes sujeitos históricos, que se desenvolve e se estabelece uma expansão do interesse feminino pelos estudos clássicos e orientais. Em 2020, observamos, portanto, um cenário completamente distinto do mapa das décadas de 1980 e 1990, muito embora a paisagem atual esteja estreitamente relacionada à própria ação dos profissionais dessas décadas que investiram na formação de uma nova geração de historiadores. Houve aumento expressivo do número de especialistas e visível atuação desses antiquistas em Programas de Pós-graduação já existentes, por um lado, e uma tímida, porém importante, política de criação de novas Pós-graduações, por outro, que possibilitam a expansão de ofertas de vagas ao(à) interessado(a) em se especializar no estudo sobre o mundo clássico e oriental. Em relação aos conclaves acadêmicos, evidenciam-se a pujança de pesquisas e a diversidade de abordagens e instrumentais teórico-metodológicos adotados pelos historiadores nacionais, bem como, ainda, a variedade de temas e documentos utilizados para compreender as histórias da Grécia e Roma Antigas, produção histórica ainda majoritária de escrita e ensino no Brasil. De fato, em termos de sociedades clássicas, ainda se percebe um desnível importante. Houve ampliação significativa de especialistas femininas brasileiras com formação em Roma (em especial, em Principado e Antiguidade Tardia) e, em menor número, formação em Grécia. Isso fica claro mediante um levantamento simplificado realizei junto às informações disponíveis na página do Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA) da Associação Nacional de História (Anpuh), apenas para ilustrar o que agora afirmo. Dentro de um universo de 57 historiadoras com vínculo institucional (**Fig. 1**), a sociedade romana (Principado e Antiguidade Tardia, principalmente) aparece como predominante na formação das historiadoras em mundo antigo.

Fig. 1

O tema de formação das especialistas em estudo sobre a Antiguidade (Informações da base de dados do GTHA)¹²

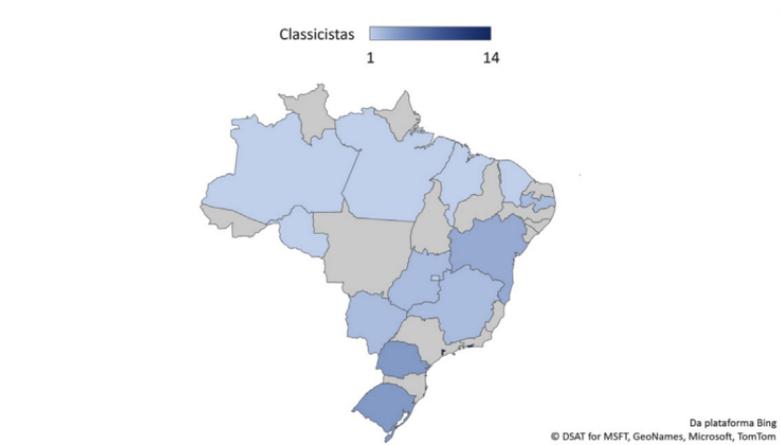


Fonte: Currículo Lattes e página do GTHA.

Do ponto de vista espacial, também podemos observar que ocorreu ampla distribuição de especialistas femininas em História da Antiguidade no território nacional (**Fig. 2**). O VIII Encontro Nacional de História Antiga do GTHA da Anpuh – com o tema “Identidade no Mundo Antigo, Pesquisa, Diálogos e Apropriações” –, no caderno de resumos, declara:

Ressaltamos que, pela primeira vez, a reunião do Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA) ocorre na região Nordeste. Com o avanço dessa área do conhecimento histórico por todo o território brasileiro, acreditamos que os encontros do GT de História Antiga tornam-se cada vez mais essenciais para a manutenção do diálogo e do debate entre historiadores e professores que atuam na área. (BATISTA; VASQUES; LIMA, 2016. Apresentação)

Fig. 2
Distribuição das especialistas em Antiguidade
no território nacional em 2020



Fonte: Dados retirados da página do GTHA.

Essa expansão territorial também estabelece relação muito estreita com os polos de formação no circuito Rio de Janeiro-São Paulo, como é possível inferir dos dados extraídos do mapeamento presente na página do GTHA (**Tabela 1**). Das 12 historiadoras lotadas em instituições de nível superior nas regiões Norte e Nordeste, temos três com formação em instituições no Rio de Janeiro, e oito em São Paulo. Na região Sudeste, do total de 31 lotadas em universidades, nove tiveram a formação no Rio de Janeiro e 17 em universidades paulistas. Na região Sul, do total de oito historiadoras lotadas em universidades públicas, cinco foram formadas em universidades paulistas, e uma no Rio de Janeiro. Por fim, na região Centro-Oeste, do total de cinco classicistas, três se formaram no estado de São Paulo e uma no Rio de Janeiro. Algumas ressalvas ainda são dignas de nota: consideramos aqui o último nível de titulação, Doutorado, o que pode significar apenas parte do cenário, uma vez que a formação em *stricto sensu*, no nível do Mestrado, pode ter sido realizada em instituições distintas; mas mesmo assim, se confirma o eixo Rio de Janeiro-São Paulo como importantes e consolidados polos de formação. Não obstante, o que esse cenário apresenta é a difusão e ampliação de outros espaços de formação antes não existentes.

Tabela 1 – Instituições de origem e formação das especialistas em Antiguidade

Região	Estado	Quantidade por Estados	Instituição de Origem	Local
NORDESTE Total 10	Maranhão	1	UFRJ	Rio de Janeiro
	Ceará	1	UNESP/Assis	Assis/SP
	Rio Grande do Norte	3	MAE/USP	São Paulo
			UFRJ	Rio de Janeiro
	Paraíba	2	UFRGS	Rio Grande do Sul
			USP	São Paulo
	Pernambuco	0	Universidade de Coimbra	Coimbra/PT
	Alagoas	0	–	–
	Sergipe	0	–	–
Bahia	3	UNICAMP	Campinas/SP	
		UFF	Rio de Janeiro	
		USP	São Paulo	

Região	Estado	Quantidade por Estados	Instituição de Origem	Local
NORTE Total 3	Amazonas	1	USP	São Paulo
	Pará	1	UNICAMP	Campinas/SP
	Rondônia	1	USP	São Paulo

Região	Estado	Quantidade por Estados	Instituição de Origem	Local
SUDESTE Total 31	Espírito Santo	1	UNESP/Franca	Franca/SP
	Minas Gerais	2	UNESP/Franca	Franca/SP
			UNB	Brasília/DF
	Rio de Janeiro	14	University of Oxford	Reino Unido
			UFF	Rio de Janeiro
			PUC/RJ	Rio de Janeiro
			PUC/RJ	Rio de Janeiro
			USP	São Paulo
			UNICAMP	Campinas/SP
			UFRJ	Rio de Janeiro
			USP	São Paulo
			UFF	Rio de Janeiro
			UFF	Rio de Janeiro
			UFF	Rio de Janeiro
			UFF	Rio de Janeiro
			UFF	Rio de Janeiro
	São Paulo	14	UFMG	Belo Horizonte
			UNESP/Assis	Assis/SP
			Université de Caen	França
			USP	São Paulo
			USP	São Paulo
			MAE/USP	São Paulo
			FFLCH/USP	São Paulo
UNICAMP			Campinas/SP	
USP			São Paulo	
USP			São Paulo	
FFLCH/USP			São Paulo	
USP			São Paulo	
FFLCH/USP	São Paulo			
University of London	Reino Unido			
		UNICAMP	Campinas/SP	

Região	Estado	Quantidade por Estados	Instituição de Origem	Local
SUL Total 8	Paraná	4	UFF	Rio de Janeiro
			UNICAMP	São Paulo
			USP	São Paulo
			UNICAMP	Campinas/SP
	Rio Grande do Sul	4	USP	São Paulo
			Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne	França
			USP	São Paulo
			UNESP/Franca	Franca/SP

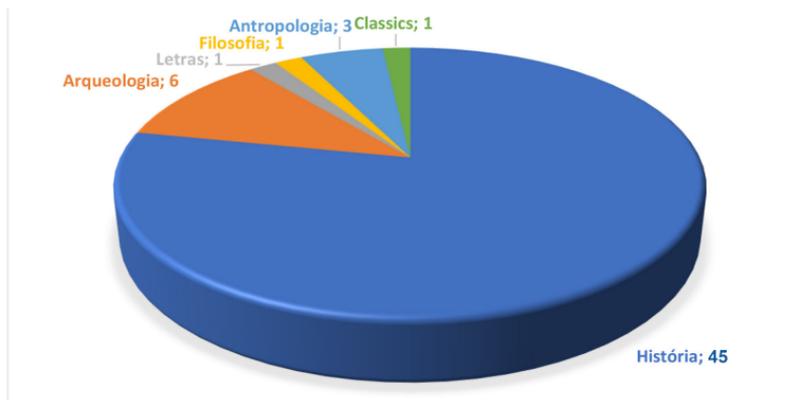
Região	Estado	Quantidade por Estados	Instituição de Origem	Local
CENTRO-OESTE Total 5	Distrito Federal	1	University of Cambridge	Reino Unido
	Goiás	2	USP	São Paulo
			USP	São Paulo
	Mato Grosso do Sul	2	UFRJ	Rio de Janeiro
			UNICAMP	Campinas/SP

Fonte: Currículo Lattes e página do GTHA. Universo de 57 historiadoras.

No território nacional de 2020, a História Antiga, com formação e ensino especializados, é muito mais acessível em diferentes espaços. Voltando à programação do VIII Encontro Nacional de História Antiga do GTHA da Anpuh, esse evento apresenta outras características importantes da produção historiográfica brasileira recente acerca do mundo antigo: 1) aproximação mais efetiva entre duas áreas de conhecimento que se referem ao mundo antigo, a Arqueologia Clássica e a História Antiga; 2) apresentação de estudos sobre as sociedades orientais, temas categorizados sob a rubrica de “usos do passado”; 3) inclusão de trabalhos sobre toda uma gama de “produtos da indústria cultural” (ROSA; MARQUES; TACLA; MENDES, 2011, p. 9-11).

A formação das especialistas em mundo antigo está vinculada a uma tríade: interdisciplinaridade (formações que estão entre História, Arqueologia, Letras e Filosofia, vide **Fig. 3**); internacionalização (ainda com a Europa como destino mais recorrente, prioritariamente Inglaterra e França); pluralidade de tipos de documentos (textual e cultura material). Gerações de historiadoras são produto do *linguistic turn* e do *spatial turn*, do debate sobre a popularização do conhecimento e reconhecimento da pluralidade de sujeitos históricos e visibilidade das minorias (mulheres, operários, escravos, negros, indígenas/aborígenes/autóctones) ou, para melhor definir, recorrendo à expressão de Michelle Perrot (1988),¹³ “os excluídos da história”. A esse repertório, agregam-se os estudos de recepção e a preocupação com o ensino de História Antiga, como, inclusive, pudemos observar nas Conferências apresentadas no XXX Ciclo de Debates do Lhia.

Fig. 3
A área de formação das especialistas em Antiguidade



Fonte: Currículo Lattes e página do GTHA. Universo de 57 historiadoras.

Por fim...: a importância dos “diferentes lugares da reflexão histórica”¹⁴

A pluralidade de perspectivas [em razão da diversidade de historiadores, produtores de conhecimento, provenientes de distintos lugares sociais] vivenciada nos últimos anos significou a mudança nas escolhas dos objetos de pesquisa e, por conseguinte, uma maior ampliação de temas, de abordagens, de escolha de arcabouço teórico-metodológico. Houve também um incentivo particular: fomos levados a uma reflexão mais detida sobre o próprio campo da nossa produção histórica e do ensino, embora com necessidade de maior investimento para também multiplicar as visões no ensino da História Antiga nos níveis de formação básica. A História Antiga pesquisada e ensinada no Brasil tende a ser muito mais plural do que imaginávamos há duas décadas.

A inserção de estudos – sobre a África Antiga, as sociedades do Oriente, o deslocamento para uma história dos subalternos, a diversificação de tipos de documentos e alteração de uma visão normativa para uma outra que percebe a complexidade das relações sociais e políticas – é inclusiva e humanista. De fato, Chimamanda Adichie (2019) já havia destacado *os perigos de uma história única*: poderíamos nos ver encapsulados em uma percepção única acerca de uma humanidade que é complexa. Avançamos

muito na subárea da História Antiga, como bem destacou o professor Fábio Faversoni em comentário posterior a estas breves reflexões. De fato, a realidade, nessa subárea, é que estamos mais plurais e as vozes muito mais amplificadas, embora o muito ainda a ser feito em termos de escrita, pesquisa e ensino de História Antiga. E, justamente por isso, hoje não nos causa estranheza conceber um evento como este XXX Ciclo de Debates em História Antiga, promovido pelo Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Lhia/UFRJ), em que o comparecimento feminino é, irreversivelmente, tão presente.

E mais significativo ainda depois da promulgação da Lei nº 14.038, de agosto de 2020, que reconheceu todos os especialistas, homens e mulheres, da escrita da História no Brasil como historiadores, e a partir da qual experienciamos hoje, portanto, o status pleno de uma profissão específica: a de historiador. Nesse contexto, certamente o Lhia e a UFRJ têm espaço importante de contribuição para essa realidade dos estudos clássicos e orientais no Brasil que se quer plural, interdisciplinar, internacionalizada, e com o reconhecimento da consolidação da presença feminina na produção historiográfica nacional sobre o mundo antigo.

Documentação escrita

ANNA COMNENA. *The Alexiad*. Trad. Elizabeth A. S. Dawes. Cambridge: In Parentheses Publications, 2000.

BRASIL. Lei nº 14.038, de 17 de agosto de 2020. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Historiador e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 18 ago. 2020, Seção 1, p. 4.

MARCELLINUS. The life of Thucydides. Trad. Ian Plant. *Ancient History: Resources for Teachers*, v. 46, p. 117-144, 2017.

Referências bibliográficas

BARNES, T. D. *Ammianus Marcellinus and the representation of historical reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

BEARD, M. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Crítica, 2018.

BENESS, J. L.; HILLARD, T. W. Ancient history, archaeology, and classical studies. In: SPONGBERG, M.; CAINE, B.; CURTHOYS, A. (eds.). *Companion to Women's Historical Writing*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2005, p. 5-15.

- BESSELAAR, J. Van Den. Heródoto, Pai da História. *Revista de História*, v. 24, n. 49, p. 3-26, 1962.
- BINGEN, J. *Pausanias Historien*. Vandoeuvres: Fondation Hardt, 1996.
- BRUNO, M. C. O.; CERQUEIRA, F. V.; FUNARI, P. P. A. *Arqueologia do Mediterrâneo antigo: estudos em homenagem a Haiganuch Sarian*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2011.
- CARDOSO, C. F. Prefácio. In: POZZER, K. M. P.; SILVA, M. A. de O.; PORTO, V. C. *Um outro mundo antigo*. São Paulo: Annablume, 2013, p. 7-9.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Regulamentação da profissão de historiador no Brasil: muitas oportunidades e um risco considerável. *Café História* – história feita em cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/regulamentacao-da-profissao-de-historiador-riscos-opportunidades/>. Publicado em: 24 fev. 2020. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 27 fev. 2021.
- CARVALHO, M. M. de; FUNARI, P. P. A. Os avanços da História Antiga no Brasil: Algumas ponderações. *História*, v. 26, n. 1, p. 14-19, 2007.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, p. 173-199, 1991.
- CHIMAMANDA, A. N. *O perigo de uma história única*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.
- COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de História*. Lisboa: Presença, 1978.
- FRANCISCO, G. S. O lugar da História Antiga no Brasil. *Mare Nostrum*, v. 8, n. 8, p. 30-61, 2017.
- FUNARI, P. P. A. *A História em sua integridade: a propósito da Base Nacional Comum Curricular*. 2016. Parecer solicitado pelo Ministério da Educação e pela Associação Nacional de História sobre a Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: https://www.academia.edu/22106025/A_Historia_em_sua_integridade_a_prop%C3%B3sito_da_Base_Nacional_Comum_Curricular. Acesso em: 06 dez. 2020.
- _____; GARRAFFONI, R. S. Considerações sobre Salústio historiador. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. O. (orgs.). *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 399-412.
- _____; _____. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. Campinas: Unicamp, 2016.
- _____; _____. Salústio e a historiografia romana. In: JOLY, F. D. (org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 65-76.

- GONÇALVES, A. T. M. Pesquisas de História Antiga no Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 30, 2011.
- JOLY, F. D. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. *História*, v. 24, n. 2, p. 111-127, 2005.
- JUNQUEIRA, N. M. O corpo feminino na arte e literatura gregas: Heródoto e a cerâmica ática do V a.C. In: MARQUETTI F. R.; FUNARI, P. P. A. *Sobre a pele: imagens e metamorfoses do corpo*. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 51-68.
- _____. Heródoto e as mulheres egípcias: a construção dos comportamentos femininos no segundo Logos das Histórias. *Heródoto*, v. 3, n. 1, p. 188-205, 2018.
- LESSA, F. S. Dike, cidadania e mulher na polis. *Phoînix*, v. 1, p. 65-71, 1995.
- _____. O matrimônio na historiografia grega. *Phoînix*, v. 2, p. 83-89, 1996.
- _____. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.
- _____. *Mulheres de Atenas: Méliッサ – Do gineceu à Agora*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- LIBLIK, C. S. F. K. *Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990)*. Curitiba: UFPR, 2019.
- LIMA NETO. *Bandidos e elites cidadinas na África Romana: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas Metamorfoses de Apuleio de Madaura (século II)*. Vitória: Edufes, 2016a.
- _____. *Entre a filosofia e a magia: o caso da estigmatização de Apuleio na África Romana (século II d.C.)*. Curitiba: Prismas, 2016b.
- MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. *Igreja, mobilização popular e ação coletiva na África Romana, do século IV ao século V*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- _____. *Potestas Populi: participation populaire et action collective dans les villes de l’Afrique romaine tardive (vers 300-430 apr. J.-C.)*. Turnhout: Brepols, 2012.
- _____. Le “pouvoir du peuple”: une émeute à Hippone au début du Ve siècle connue par le sermon 302 de saint Augustin pour la fête de saint Laurent. *Antiquité Tardive – Revue Internationale d’Histoire et d’Archéologie (IVe-VIIe siècle)*, v. 12, p. 309-324, 2004.
- _____. “Vt maiores pagani non sint!” Pouvoir, iconoclasme et action populaire à Carthage au début du Ve siècle (saint Augustin, Sermons 24, 279 et Morin 1). *Antiquité Tardive – Revue Internationale d’Histoire et d’Archéologie (IVe-VIIe siècle)*, v. 14, p. 245-262, 2006.

_____. O “clamor do pobre” e o “poder do povo”: pobreza, cidadania e ação coletiva nas cidades da África Romana Tardia. *Varia Historia*, v. 29, n. 50, p. 383-393, 2013.

_____. “Morto pelas mãos do povo”: rituais de execução e justiça popular na antiguidade tardia. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 27, n. 1, 2014.

_____. Late Antiquity: The Age of the Crowds? *Past & Present*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/pastj/gtz063>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MAITLAND, J. ‘Marcellinus’ Life of Thucydides: Criticism and Criteria in the Biographical Tradition. *The Classical Quarterly – New Series*, v. 46, n. 2, p. 538-558, 1996.

MARQUES, J. B. A ideia de História em Tito Lívio. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. (orgs.). *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 469-494.

MARQUES, J. B. Políbio. In: JOLY, F. D. (org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 45-63.

MARTINS, P. Texto e imagem: História – Como se faz a História sob(re) Otávio/Augusto. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. (orgs.). *O. A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 437-468.

MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.

_____. *La historiografía griega*. Barcelona: Crítica, 1984.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, p. 7-28, 1993.

PLANT, I. *Women writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology*. Norman: University of Oklahoma Press, 2004.

_____. Women historians of ancient Greece and Rome. *Ancient History: resources for teachers*, v. 41-44, p. 77-92, 2015.

_____. Ancient World. In: SPONGBERG, M.; CAINE, B.; CURTHOYS, A. (eds.). *Companion to Women’s Historical Writing*. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2005b, p. 15-19.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Z. L. *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Unesp, 1995, p. 81-91.

RAMÓN PALERM, V. M.; RODRÍGUEZ HORRILLO, M. A. A ideia de História em Suetônio. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. (orgs.). *O. A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 577-599.

- RODRIGUES, J. H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965.
- ROSA, C. B. A quem julgas apropriado escrever a história? O orador e o historiador no *De Oratore* de Marco Túlio Cícero. In: SILVA, G. J.; SILVA, M. A. (orgs.). *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 335-363.
- SILVA, H. R. da. Prefácio. In: ROIZ, D. da S. *Para ser historiador no Brasil: a história de um país e o ofício de historiador entre Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. São Paulo: Alameda, 2020, p. 13-19.
- SILVA, G. J. da. Os avanços da História Antiga no Brasil. In: **XXVI Simpósio Nacional de História, Anpuh: 50 Anos, 1, 2011. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, Associação Nacional de História, n. 1, p. 1-31, 2011.**
- _____; FRANCISCO, G. S. (eds.). Homenagem a Pedro Paulo Abreu Funari I. *Heródoto*, v. 2, n. 2, 2017.
- _____; _____. (eds.). Homenagem a Pedro Paulo Abreu Funari II. *Heródoto*, v. 3, n. 1, 2018.
- SILVA, G. J.; SILVA, M. A. (orgs.). O. *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017.
- SILVA, G. V. *Os antigos e nós: ensaios sobre Grécia e Roma*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, SEAD, 2014.
- SILVA, Z. L. *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Unesp, 1995.
- SMITH, B. G. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru: Edusc, 2003.
- TACLA, A. B.; MENDES, N. M.; CARDOSO, C. F.; LIMA, A. C. C. (orgs.). *Uma trajetória na Grécia Antiga: homenagem a Neyde Theml*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- VILIMOVIC, L. *Structure and features of Anna Komnene's Alexiad: emergence of a personal history*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019.

¹ A proposta de fortalecer as bases de formação junto aos alunos de Graduação mediante programas de Iniciação Científica emergiu em 2001, durante a realização do XXI Simpósio Nacional de História e a partir da primeira reunião do recém-criado Grupo de Trabalho de História Antiga, que, conforme Gilvan Ventura da Silva (2001, Editorial), “é o resultado de um conjunto de iniciativas desenvolvidas por pesquisadores da área visando a estabelecer um novo e permanente fórum de discussões acadêmicas sobre a Antiguidade no Brasil”. Em 2014, iniciei as reflexões acerca da produção de conhecimento sobre o mundo antigo no Brasil, as quais resultaram numa apresentação no IV Congresso Internacional de Estudos Clássicos em México que se intitulou *Os clássicos na produção historiográfica brasileira contemporânea: as áreas de conhecimento, as abordagens e os temas*. Naquele momento, se observava ter havido “um aumento expressivo do número de especialistas na área; uma visível atuação destes em Programas de Pós-graduação já existentes; uma tímida mas importante política de criação de novas Pós-graduações que possibilitam a expansão de ofertas de vagas ao especialista”, mas, sobretudo, “um avanço significativo na quantidade de conclaves acadêmicos que ocorrem ano a ano no Brasil. Esses eventos evidenciam a pujança de pesquisas, a diversidade de abordagens e instrumentais teórico-metodológicos adotados pelos historiadores nacionais, bem como ainda apresentam a variedade de temas e documentos utilizados para compreender as histórias da Grécia e Roma antigas. Em especial, o uso da cultura material em estudos históricos tem aumentado significativamente. São iniciativas tanto individuais quanto coletivas, suscitadas por eventos em nível universitário, que contribuem para uma ampliação das temáticas, estimulando novos debates. Difícil imaginar, por exemplo, há algumas décadas, um estudo nacional que se fundamentasse em grafites, em iconografias, em numismática, em estatúaria. Assim, a História Antiga e Clássica escrita no Brasil, além de apresentar uma vitalidade particular, um alargamento de tipos e categorias de documentos, se caracteriza ainda por um movimento interdisciplinar importante”. Em seis anos, ou seja, em 2020, novos desenvolvimentos e ampliações ocorrem, a exemplo da preocupação dos especialistas com a ampliação da concepção de sociedades antigas, reconhecendo mais conteúdos na subárea de História Antiga, como as sociedades orientais, bem como o aumento de estudos sobre recepção, e com o ensino de História Antiga nos cursos básicos. Além disso, gradual inserção também de novos sujeitos históricos, como categorias subalternas, estudos sobre gênero e história das mulheres, ensino e pesquisas sistemáticas sobre História da África no mundo antigo (MAGALHÃES DE OLIVEIRA, 2001, 2004, 2006, 2012, 2013, 2014, 2020; LESSA, 1995, 1996, 2004, 2010; JUNQUEIRA, 2016, 2018; LIMA NETO, 2016a, 2016b).

² A criação e multiplicação de centros, núcleos, laboratórios e grupos de pesquisas sobre a Antiguidade em várias regiões do território nacional também denotam a vitalidade e a ampliação da subárea: Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar (Nehmaat — UFF); Núcleo de Estudos da Antiguidade (Uerj); Laboratório de História Antiga (Lhia — UFRJ); Maat — Núcleo de Estudos de História Antiga (UFRN), *Vivarium* — Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (originalmente na UFMT; em 2013, expandiu com Núcleos

no Nordeste (Ufba), Centro-Oeste (UFMT) e Sudeste (Universidade Federal do Triângulo Mineiro); Nereida — Núcleo de Estudos de Representações e Imagens da Antiguidade (UFF); Nero — Núcleo de Estudos e Referências da Antiguidade e do Medievo (Unirio); Nemed — Núcleo de Estudos Mediterrânicos (UFPR); Centro do Pensamento Antigo (CPA — Unicamp); Labeca — Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (MAE-USP); Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (Unesp/Assis); Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (Ceia-UFF); *Mnemosine* — Laboratório de História Antiga e Medieval (Ufma); Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir-USP), que apresenta seções regionais (Leir-ES; Gleir-Unesp/Franca; Leir-Ufop; Leir-UFG; Leir-Unirio; Leir-UFTM; Leir-Unipampas; Leir-UFCG).

³ Foi imprescindível a ação do Grupo de Trabalho de História Antiga (GTHA) e da Associação Nacional de Historiadores (Anpuh) para que se reintroduzissem os conteúdos sobre as sociedades antigas no currículo de ensino básico e fundamental.

⁴ Há alguns anos, na obra intitulada *Um outro mundo antigo*, se fez sentir a importante necessidade de inclusão e/ou maior difusão de conteúdos sobre o mundo antigo oriental. Na abertura do Prefácio dessa obra, Ciro Flamarion Cardoso (2013, p. 7) já anunciava: “O título escolhido para este livro coletivo, *Um outro mundo antigo*, parece usar o adjetivo “outro” atribuindo-lhe dois sentidos diferentes. O primeiro deles aponta para as escolhas conducentes ao vasto campo temático coberto, em especial, para a forte presença dos estudos orientais, pouco usual no Brasil — presença, mesmo, da história da Índia e do Extremo Oriente, ainda menos frequentada, ordinariamente, nas pesquisas sobre a Antiguidade neste país. O segundo sentido do adjetivo “outro” indica que, em muitos dos capítulos que integram o volume, houve o desejo de romper com os ângulos ordinários de enfoque e com o que os franceses chamariam de *idées reçues*. Em ambos os sentidos, nota-se a vontade de trilhar novos caminhos”.

⁵ E a nossa tradição clássica pode remontar aos jesuítas, pioneiros nos estudos clássicos (SILVA, 2014, p. 8-10).

⁶ Com a instituição da universidade em território nacional mediante a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, e a criação simultânea da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, se instituiu também a disciplina de História Antiga como parte integrante da grade curricular do curso de História (SILVA, 2011, p. 6). Helenice Rodrigues da Silva (2020, Prefácio, p. 13-14) define ainda mais o desenvolvimento da história profissional no Brasil. Nas palavras dessa historiadora: “Se no Brasil a definição de um campo de pesquisa específico só começou a ser constituído nos anos 1930, com a criação dos primeiros cursos de Geografia e História, sendo por isso consideravelmente tardia em relação a outras partes do mundo, tampouco se vive aqui situação adversa à vivida na Europa ou na América do Norte. E em razão de os mesmos impasses serem aqui sentidos, e talvez até com maior intensidade do que em outros países, porque no Brasil a apropriação de modelos teóricos e metodológicos sempre esteve a alicerçar o(s) campo(s) de estudo(s), e a França sempre foi aqui um “grande paradigma” — e só a partir do final dos anos 1980 foi que começou a haver uma mudança considerável na história da historiografia e nos estudos históricos aqui praticados, com as traduções e discussões de autores ingleses, alemães, italianos e norte-americanos, que desde então têm se tornado cada vez mais férteis e promissoras entre nós historiadores...”. E o primeiro historiador que

expressa a preocupação com a escrita da história e os processos históricos parece ter sido José Honório Rodrigues, em sua obra *História e os historiadores do Brasil*, publicada em 1965.

⁷ Sobre a concepção de história nesses autores mencionados, vide Moura (2017, p. 115-130); Collingwood (1978, p. 60-63); Momigliano (1984, p. 226-256; 2004, p. 195-201); Marques (2007, p. 45-63, 469-494); Funari; Garraffoni, (2017, p. 399-412; 2016; 2007, p. 65-76); Joly (2005, p. 111-127; 2017, p. 531-550); Ramón Palerm; Rodríguez Horrillo (2017, p. 577-599); Bingen (1996); Jeffreys; Croke; Scott, (1990); Barnes (1998).

⁸ Várias coletâneas apresentam o cânone de historiadores da Antiguidade e a característica da escrita da história no mundo clássico. Para uma lista mais completa de historiadores do mundo clássico antigo, vide Michael Grant (2005); John Marincola (2007); Andrew Feldherr (2009); Susan Sorek (2012); Maurício Parada (2012); Véronique Sales (2011); Glaydson José da Silva e Maria Aparecida de Oliveira Silva (2017).

⁹ Ainda hoje, embora a percepção sobre a escrita da história seja distinta, ainda é necessário tornar visível a prática de escrita da história realizada por mulheres, uma vez que ainda permanecem raramente reconhecidas ou mencionadas quando o tema é a prática histórica e o exercício da escrita da história. Conferir, por exemplo, as obras: *Os historiadores*, organizada por Véronique Sales (2011), em volume único, *Os historiadores clássicos da História*, em 4 volumes, organizada por Maurício Parada (2012-2018), *Historiadores do nosso tempo*, organizada por Marcos Antônio Lopes e Sidnei J. Munhoz, publicada em 2010 e que inclui as historiadoras Michelle Perrot e Nathalie Zamon Davies. Em capítulo no livro *Cultura histórica em debate*, organizado por Zélia Lopes Silva, Margareth Rago (1995, p. 81-91) reflete sobre as mulheres na historiografia brasileira, mas será em outra obra, mais recente, de 2019, que veremos com mais evidência a lacuna historiográfica, a ausência de visibilidade da escrita da história realizada por mulheres: Carmem Sílvia da Fonseca Kummer Liblik escreve sobre a trajetória de historiadoras brasileiras, entre 1934 e 1990, e com um título bem sugestivo, *Uma história toda sua*, indica já a necessidade de conhecermos mais mulheres, historiadoras, que contribuem para a escrita da história no Brasil, em particular, uma vez que, mundialmente, já é possível observar o investimento em publicações nessa direção, a exemplo de uma obra dedicada às particularidades da escrita da história por mulheres: *Companion to Women's Historical Writing*, organizada por Mary Spongberg, Ann Curthoys e Barbara Caine. Poderíamos ainda mencionar a produção de um banco de dados para realizar um levantamento global de especialistas em História Antiga, o Woah – Women of Ancient History (<https://woah.lib.uiowa.edu/>).

¹⁰ De acordo com Pierre Nora (1993, p. 9): “No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. A história é deslegitimação do passado vivido. No horizonte das sociedades de história, nos limites de um mundo completamente historicizado, haveria dessacralização última e definitiva. O movimento da história, a ambição histórica não são a exaltação do que verdadeiramente aconteceu, mas sua anulação. Sem dúvida um criticismo generalizado conservaria museus, medalhas e monumentos, isto é, o arsenal necessário ao seu próprio trabalho, mas esvaziando-os daquilo que, a nosso ver, os faz lugares de memória”.

¹¹ Professor na Macquarie University, Melbourne, Austrália, que tem se dedicado ao tema e que, gentilmente, me cedeu artigos e publicações de sua autoria quando soube que eu trataria do tema das mulheres e a escrita da História Antiga no Brasil, nesse evento.

¹² Formação no último nível de titulação, Doutorado.

¹³ Obra por meio da qual a historiadora francesa ficou conhecida no Brasil.

¹⁴ O subtítulo aqui utilizado é em menção à seção encontrada em obra organizada por Zélia Lopes Silva (1995), *Cultura histórica em debate*.